

CARVALHO, J. M. da R.; FERREIRA, C. A. M.; RODRIGUES-OLIVEIRA, A. Adjetivos e advérbios no sintagma verbal: posições e comparação com propostas de hierarquias no sintagma nominal. *ReVEL*, v. 22, n. 43, 2024. [www.revel.inf.br].

## Adjetivos e advérbios no sintagma verbal: posições e comparação com propostas de hierarquias no sintagma nominal

Janayna Maria da Rocha Carvalho<sup>1</sup>

Camila Alves Melo Ferreira<sup>2</sup>

Aline Rodrigues-Oliveira<sup>3</sup>

janaynacarvalho@gmail.com  
camilaalvesm.ferreira@gmail.com  
alineoliveirar3@gmail.com

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos diferentes ocorrências de adjetivos que supostamente modificam o VP, como em *João dança bonito*, bem como a possibilidade de anexação do sufixo *-mente* a esses itens. Partimos da hierarquia de Scott (2002), que consiste em um mapeamento cartográfico da ordem de adjetivos no sintagma nominal. Testamos em que medida a transposição dessa hierarquia, desenvolvida com base no sintagma nominal do inglês, explica as ocorrências de adjetivos modificadores do VP em sentenças do português. Com base no comportamento dos dados, verificamos que algumas das classes propostas se limitam ao sintagma nominal, já que são agramaticais no sintagma verbal. Com relação à inserção de *-mente*, observamos que o advérbio somente é formado a partir de adjetivos das classes hierarquicamente mais altas, podendo ser obrigatório ou opcional, a depender da classe, e que nas categorias mais baixas essa anexação não é licenciada. Assumimos, então, que a abordagem cartográfica de Scott é apenas parcialmente adequada para explicar as características dos adjetivos que ocorrem no VP. A discussão aqui feita contribui com debates sobre o nível de detalhamento que sequências funcionais devem ter para serem válidas universal e transcategorialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** cartografia sintática; adjetivos; sintagma verbal; sufixo *-mente*.

**ABSTRACT:** In this article, we analyze different occurrences of adjectives that putatively modify the VP, such as *João dança bonito* (lit. *John dances beautiful*), as well as the possibility of adding the suffix *-mente* to these itens. We base our discussion in a cartographic mapping of adjectives in the nominal phrase, as proposed by Scott (2002). We test in what way this hierarchy, which exhaustively discuss English nominal phrases, can be transposed to the adjectives that modify the VP in Brazilian Portuguese. We verified that

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Adjunta II na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG.

<sup>3</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG. Bolsista da CAPES.

some of the proposed classes in the hierarchy can only occur in nominal phrases, being ungrammatical in the verbal phrase. With respect to the insertion of *-mente*, we observed such suffix can only combine with adjectives in the highest hierarchical positions. The insertion of *-mente* can be obligatory or optional, depending on the position of the adjective in the hierarchy, but this suffix is invariantly banned from the lower positions. These facts led us to assume that Scott's hierarchy is only partially adequate to explain the characteristics of adjectives that occur in Brazilian Portuguese VPs. Overall, this discussion contributes to debates about the level of detail that functional sequences must have to be considered valid from a universal and translinguistic point of view.

**KEYWORDS:** syntactic cartography; adjectives; verbal phrase; suffix *-mente*

## Introdução <sup>4</sup>

A relação entre as classes de palavras e suas funções sintáticas sempre foi tema de debate nos estudos linguísticos. Essa questão perpassa a própria definição de algumas classes de palavras, mas, curiosamente, não de todas. Enquanto a classe dos nomes, por exemplo, é eminentemente caracterizada por sua semântica (ver Baker, 2003 para uma descrição), há outras classes, como adjetivos e advérbios, cuja função sintática encontra-se atrelada à caracterização, mesmo que se parta de uma descrição semântica.

Em capítulo recente sobre as classificações de adjetivos, Foltran, De Conto e Deschamps (2020) fazem um apanhado das diferentes classificações que adjetivos recebem na literatura linguística. Nesse apanhado, a função sintática de adjetivos é continuamente evocada mesmo quando critérios semânticos são utilizados. Para uma breve exemplificação, consideremos classificações dicotômicas como adjetivos de leitura restritiva ou não restritiva. Na leitura restritiva, “o adjetivo restringe o conjunto das entidades denotadas pelo nome, como se fosse um subconjunto.” (Foltran, De Conto & Deschamps, 2020: 212). Por sua vez, a leitura não restritiva, “não segmenta o conjunto, mas se aplica a ele como um todo.” (Foltran, De Conto & Deschamps, 2020: 212). Como as autoras observam, essa caracterização semântica tem um correlato sintático em línguas românicas. A anteposição do adjetivo ao núcleo do sintagma é uma característica de

---

<sup>4</sup> Agradecemos aos comentários dos pareceristas que nos ajudaram a melhorar a primeira versão do manuscrito.

leituras não restritivas. Ou seja, em um sintagma do tipo *os inteligentes alunos desta sala*, depreende-se que todos os alunos da sala são necessariamente inteligentes, diferentemente de um sintagma como *os alunos inteligentes desta sala*, em que tanto a leitura restritiva quanto a não restritiva estão presentes. Esse é apenas um exemplo de como a caracterização de classes como os adjetivos parece estar invariavelmente ligada ao seu papel sintático, mesmo quando a semântica é constantemente evocada nas explicações.

Este artigo visa contribuir para o debate da caracterização dos adjetivos, explorando a aparente modificação de adjetivos no sintagma verbal. Essa pergunta já foi tratada em vários trabalhos, já que muitas vezes assume implicitamente que adjetivos só modificam o nome.<sup>5</sup> Esse conjunto de dados é menos explorado que a modificação de adjetivos dentro do sintagma nominal e ainda carece de análises sobre seu ordenamento e suas potencialidades. Essa discussão traz, por consequência, também uma discussão sobre advérbios formados a partir de adjetivos, aqueles que recebem o sufixo *-mente*.

Para construir um panorama do comportamento do adjetivo no sintagma verbal, adotaremos, como base, uma análise cartográfica do adjetivo tal como empreendida por Scott (2002). Scott (2002) propõe um ordenamento universal dos adjetivos dentro do sintagma nominal com base na sua semântica, proposta que será detalhada mais adiante. Neste artigo, testamos em que medida esse ordenamento também se verifica quando o adjetivo está dentro do sintagma verbal. Assim, apresentamos uma discussão direcionada a que classes de adjetivos podem figurar no sintagma verbal e o que essas classes efetivamente modificam. Isto é, nossa questão é mais específica do que saber se é válido assumir que adjetivos modificam sintagmas verbais. Com uma abordagem cartográfica, podemos nos perguntar: que classes de adjetivos modificam sintagmas verbais? E por que essas classes e não outras? Além disso, uma pergunta que pode ser feita em uma abordagem cartográfica é se a ordem dos adjetivos no sintagma verbal espelha a do

---

<sup>5</sup> Muitos trabalhos acabam tratando essa questão de forma indireta. Para uma abordagem explícita sobre a possibilidade de adjetivos modificarem eventos, vejam-se Foltran (2010), Leung (2007) e Lobato (2008), e os trabalhos lá citados.

sintagma nominal. Essa pergunta, em uma visão cartográfica, é extremamente importante, já que uma resposta afirmativa a ela nos permitiria postular a mesma sequência funcional no sintagma verbal detectada por Scott (2002) no sintagma nominal.

As sentenças em (1) e (2) são um exemplo do tipo de modificação que temos em mente.

(1) O João dança **bonito**.

(2) A menina dançou valsa **bonito**.

Em (1), o adjetivo *bonito* modifica o sintagma verbal, que tem como núcleo, antes da subida do verbo, a raiz *danç-*, já que se refere ao modo como João dança. Além da interpretação semântica que nos permite perceber que *bonito* modifica *dançar* (um evento) e não *João*, há também um correlato morfológico dessa modificação. Grande parte dos adjetivos da língua portuguesa concordam em gênero e número com o nome que modificam, como sintagmas como *menina(s) bonita(s)* e *menino(s) bonito(s)* mostram. A concordância do adjetivo com o nome indica uma relação de dependência morfossintática do primeiro em relação ao segundo. Essa relação de dependência do adjetivo em relação ao nome também fica aparente quando consideramos que a flexão do adjetivo é dependente da flexão do nome, não o contrário. Por outro lado, se o adjetivo estiver modificando o verbo, não haverá concordância morfossintática, já que verbos não são flexionados para gênero no português. Dessa forma, em (1), o adjetivo *bonito* não está em uma relação de concordância com o sintagma *João*. Esse adjetivo está, na verdade, em sua forma neutra, que tem a mesma realização fonológica do masculino.<sup>6</sup> O mesmo se observa em (2): como a relação do adjetivo não é com o objeto, ele permanece invariavelmente no masculino, mesmo que o objeto seja o DP feminino *valsa*.

---

<sup>6</sup> Isso fica claro em sentenças como *É bonito ver as estrelas*, em que o adjetivo está claramente em uma forma impessoal e aparece, portanto, no masculino.

Percebemos, então, que há um corolário morfossintático da modificação de adjetivos a sintagmas verbais, enunciado em (3), o qual usaremos como diagnóstico em alguns dados:

**(3) Corolário morfossintático da modificação de adjetivos em sintagmas verbais:** o adjetivo, quando modificador em um sintagma verbal, permanece em sua forma neutra, que tem a mesma realização fonológica do masculino.

Como a conceituação das classes de adjetivo e advérbio incorpora suas funções sintáticas, linguistas têm se perguntado como analisar casos como (1) e (2). Para alguns autores, pode-se pensar em um fenômeno de conversão, pelo qual um adjetivo se transforma em um advérbio sem que haja um sufixo realizado indicando essa mudança de classe de palavras (cf. Basílio, 1992; Basílio, 2007).<sup>7</sup> Em uma perspectiva como essa, novamente a função sintática da palavra determinará sua classe. Se, superficialmente, a palavra se assemelha a um adjetivo, mas modifica um verbo, ela é concebida como tendo passado por um processo de conversão.

Em uma perspectiva sintática, tem-se reconhecido que há várias classes de adjetivos diferentes, sendo representadas por pelo menos dois grandes grupos: adjetivos propensos a modificar nomes e adjetivos propensos a modificar verbos (cf. Foltran; Deschamps; De Conto, 2020). Adjetivos como *bonito* em (1) e (2) seriam um daqueles presentes nas duas classes, já que, além do exemplificado em (1) e (2), esse adjetivo pode fazer relações morfossintáticas com o nome: *O menino bonito saiu; A menina bonita saiu*. Em contraste, adjetivos como *mero* estariam somente na primeira classe, já que não é possível modificar sintagmas verbais com esse adjetivo, como mostra a comparação entre (4), em que *mero* é licenciado dentro do sintagma nominal, e (5), em que a tentativa de modificar um sintagma verbal com *mero* resulta em agramaticalidade.

---

<sup>7</sup> Para uma discussão extensa sobre a categoria dos advérbios e sobre propostas de semelhança dessa classe com outras, ver Rodrigues (2024).

(4) A menina entregou o mero documento.

(5) \*A menina entregou mero o documento.

Para além dessa divisão, o próprio estatuto de alguns adjetivos que podem ocorrer como modificadores de sintagmas nominais ou verbais não é claro. Isso porque há casos em que o adjetivo parece modificar o sintagma verbal se fizermos uso do critério morfossintático em (3), mas semanticamente essa modificação não é possível. Isso é exemplificado em (6).

(6) A menina trançou a peruca apertado. (Traduzido e adaptado de Levinson, 2010)

Em (6), não há concordância entre *apertado* e *a peruca*, portanto *apertado* atenderia, à primeira vista, ao critério morfossintático em (3) de modificação do sintagma verbal pelo adjetivo. Ademais, um simples teste de constituinte deixa claro que *apertado* não forma um sintagma com *a peruca*, já que esse adjetivo pode se deslocar sem esse elemento, como exemplificado na sentença em (7).

(7) A menina trançou apertado a peruca.

Esperaríamos, então, que *apertado* estivesse modificando o verbo. Todavia, como observa Levinson (2010), não é o modo de trançar que é apertado em (7), mas a própria trança, que é resultado da ação de trançar. Não há, no entanto, o nome *trança* na sentença; tampouco há possibilidade de esse nome estar oculto, já que a grade argumental do verbo está completa, tendo a posição de argumento interno sido preenchida por *a peruca*. Uma sentença como essa nos deixa, então, a questão de como um adjetivo pode estar modificando um nome que não está na sentença. Várias já foram as análises para esse fenômeno na literatura brasileira (Foltran, 2007, 2010; Leung, 2007; Lobato, 2008) ou

estrangeira (Levinson, 2007, 2010, 2014). Seja qual for a análise adotada, quando se consideram os dados de (1) a (7), fica claro que há diferentes tipos de adjetivos no sintagma verbal, com possíveis escopos de modificação diferentes.

Com base nessa constatação, demonstramos que uma abordagem cartográfica, no sentido amplo, consegue explicar uma série de características dos adjetivos em sintagmas verbais, pelo menos parcialmente. Nesse tipo de abordagem, assume-se que os adjetivos são concatenados como especificadores de projeções funcionais que fazem parte de uma sequência universal, portanto adjetivos com semânticas diferentes devem estar em posições sintáticas diferentes. É isso que vamos argumentar, com base na adaptação da hierarquia de Scott (2002), para a modificação adjetival no sintagma verbal, diferenciando dados como (1) e (2) de dados como (6). Além disso, o uso de uma abordagem cartográfica permite explicar, pelo menos parcialmente, por que há alternância entre adjetivos e advérbios em alguns casos, como em (8), mas não em outros como (9).

(8) O avião voou rápido/rapidamente.

(9) O avião voou alto/\*altamente.

Em suma, este trabalho tem, como foco empírico, o comportamento heterogêneo de adjetivos no sintagma verbal, pesquisando desde quais subclasses são possíveis modificadoras no sintagma verbal até a possibilidade de concatenação de *-mente*. Com a exploração da hierarquia de Scott (2002), argumentamos que o uso de uma abordagem cartográfica pode ser benéfica para explicar propriedades aparentemente não correlacionadas do adjetivo no sintagma verbal, quais sejam, quais subclasses são possíveis e quando *-mente* é ou não licenciado.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos a hierarquia de Scott (2002) para a ordem dos adjetivos no NP, que foi baseada primordialmente em dados do inglês. Na seção 2, vamos mostrar que essa ordem é, em geral, aplicável para o

sintagma nominal no PB. Em seguida, na seção 3, mostramos como uma aplicação dessa ordem é pertinente para a explicação da possibilidade de um adjetivo poder ocorrer com *-mente* ou não, além de também explorar quais classes adjetivais são possíveis no sintagma verbal. A seção 4 sumariza a proposta desenvolvida nas três seções anteriores e discute alguns de seus limites. A seção 5 conclui o texto, resumindo alguns de seus pontos.

### 1. Scott (2002) e a hierarquia de adjetivos no sintagma nominal

O trabalho de Scott (2002) é um dos desenvolvimentos do projeto cartográfico, o qual postula a existência de hierarquias de projeções funcionais de variados tipos. Dentre as hierarquias de projeções funcionais possíveis, o trabalho se desenvolve com base nas ideias de Cinque (1999) sobre a ordenação de advérbios e as estende para uma hierarquia de adjetivos.

Em uma abordagem cartográfica, as relações de ordenamento sintático são estipuladas com base em relação de precedência entre elementos na ordem linear, que, em uma ordem presumivelmente neutra, é tomada como indicadora das relações hierárquicas estabelecidas na sintaxe. Por exemplo, levemos em conta o ordenamento entre T, Asp e VP, que se configura genericamente da seguinte forma: T>Asp>VP, exemplificado em (10). Como mostrado em (10a), o auxiliar *vai* carrega a flexão da sentença, o auxiliar *ficar* expressa o aspecto da sentença e o VP lexical *saber do problema* segue essas categorias funcionais e a ordem desses verbos, um em relação ao outro, serve de diagnóstico para um ordenamento das projeções sintáticas que os abrigam. Os exemplos em (10b) e (10c) demonstram que a ordenação natural desses elementos é T>Asp>VP, já que qualquer outra ordenação leva à agramaticalidade.

- (10) a. O João vai ficar sabendo do problema.
- b. \*O João ficar vai sabendo do problema.
- c. \*O João sabendo do problema ficar vai.



Com o detalhamento que o projeto cartográfico nos permite, casos mais finos, além do exemplificado acima, de ordenação entre categorias funcionais podem ser detectados. Cinque (1999) demonstra, por exemplo, que a projeção de tempo passado pode não ocupar a mesma posição sintática da projeção de tempo presente, muito embora ambas expressem valores (atributos) de T. Os exemplos em (11) são da língua Bangwa, em que isso pode ser visto claramente. Em (11a), o morfema de tempo passado (*ná*) antecede a negação (*kà*), o que significa que, em uma estrutura hierárquica, está mais alto que ele. O morfema de futuro (*í*) em (11b), por outro lado, segue a negação e é mais baixo em uma estrutura hierárquica.

(11) a. Pó;                    ná                    **kà**                    kwé                    mbé                    wò.

1pl (remote)PAST                    NEG eat- ANT                    meat NEG

'We had not eaten meat.'

'Nós não tínhamos comido carne.'

b. Pò **kà**                    í                    nkwé                    mbé                    wò.

1pl NEG FUT                    eat-IMPERF meat NEG

'We will not eat meat.'

'Nós não vamos comer carne.'

(Cinque, 1999: 73, adaptado ortograficamente e com traduções nossas para o português)

Especificamente em relação aos advérbios, o trabalho de Cinque (1999) defende que eles sejam especificadores das categorias em que ocorrem. Há várias razões para se assumir que advérbios são especificadores de categorias funcionais. Se a adjunção de advérbios fosse uma operação livre, como assumida por alguns autores (cf. Hetzron, 1978), não esperaríamos que houvesse ordens impossíveis de advérbios em uma leitura

neutra.<sup>8</sup> Consideremos, por exemplo, o ordenamento dos advérbios *completamente* e *sempre* em italiano, tal como exemplificado por Cinque (1999:7):

(12) a. Gianni ha **sempre completamente** perso la testa per lei.

'G. has always completely lost his mind for her.'

'João sempre perdeu completamente a cabeça por ela.'

b. \*Gianni ha **completamente sempre** perso la testa per lei.

'G. has completely always lost his mind for her.'

\*'João completamente perdeu sempre a cabeça por ela.'

Nos exemplos em (12), vemos que o advérbio *sempre* precede o advérbio *completamente* em italiano. Isso é demonstrado pela gramaticalidade do exemplo em (12a), em que *sempre* precede *completamente* e a agramaticalidade de (12b), em que a ordem dos advérbios é inversa. Curiosamente, o mesmo se aplica para o inglês, já que a tradução em (12a) é boa, mas a tradução em (12b) não é.

Ainda, como os exemplos em (13) mostram, isso também se aplica ao português brasileiro, já que em (13a), a sequência *sempre*> *completamente* é bem formada, mas em (13b), a sequência *completamente*>*sempre* não é bem formada.

(13) a. João sempre perdeu completamente a cabeça nessas situações.

b. \*João completamente perdeu sempre a cabeça nessas situações.

Para estabelecer a ordem básica dos advérbios, Cinque (1999) utiliza-se de alguns métodos. Dentre eles, o autor se baseia na co-ocorrência de advérbios como vimos na discussão dos exemplos (12) e (13). A ordenação dos advérbios em uma sentença neutra mostrará qual é a posição de um em relação ao outro. Segundo esse critério, somente

---

<sup>8</sup> Por questões metodológicas, sempre se consideram as ordens neutras, já que, em contextos de focalização de advérbios, há movimento de constituintes para alguma posição sintática.

advérbios de classes diferentes podem co-ocorrer na mesma frase. Dessa forma, a sentença em (14) é agramatical porque dois advérbios que representam a mesma classe semântica, que chamaremos informalmente de advérbios de velocidade, aparecem simultaneamente na sentença.

(14) \*O João comeu rapidamente lentamente.

Em uma perspectiva cartográfica, a agramaticalidade de (14) pode ser explicada por duas razões principais: ou *rapidamente* e *lentamente* ocupam a mesma posição de especificador ou cada um dos advérbios é especificador de uma projeção sintática que entra em conflito com outra de mesma semântica. Por exemplo, mencionamos acima que o tempo passado e o tempo futuro ocupam diferentes posições na hierarquia proposta por Cinque (1999). Todavia, isso não significa que tempo passado e tempo futuro possam co-ocorrer na sentença.

Com essa perspectiva teórica em mente, Scott (2002) desenvolve seu texto com os mesmos pressupostos de que a ordem não marcada de elementos na sentença indica a posição em que eles foram gerados. Todavia, o escopo empírico do seu trabalho é diferente: o autor está interessado em mapear a ordem dos adjetivos dentro do sintagma nominal.

Ao tomar como base as contribuições de Cinque, Scott (2002: 91) argumenta que a distribuição dos adjetivos é semelhante ao que acontece com os advérbios na Hierarquia Universal de Projeções Funcionais de Cinque. Assim, em uma sentença bem-formada, a ordem dos adjetivos segue uma restrição básica, assim como acontece com os advérbios. A hierarquia proposta por Scott (2002: 114), traduzida por nós, é dada a seguir, em que os elementos grifados destacam a hierarquia dos adjetivos dentro do sintagma nominal:

(15) DETERMINANTE> NÚMERO ORDINAL> NÚMERO CARDINAL >  
**Comentário Subjetivo > ? Evidência > Tamanho > Comprimento >**

**Altura > Velocidade > ? Profundidade > Largura > Peso > Temperatura > ? Umidade > Idade/ Tempo > Formato > Cor > Nacionalidade / origem > Material > Elemento composto > NP<sup>9</sup>**

Cada uma das classes em negrito representa uma projeção sintática atestada pelo ordenamento dos adjetivos, nomeado de AOR (Adjectival Ordering Restrictions) por Scott. Ao testar a gramaticalidade de adjetivos de *cor* e *tamanho* em uma sentença, por exemplo, Scott notou que uma ordem deve ser respeitada, tal como nos exemplos com advérbios vistos acima. É o que as sentenças em (16) mostram.

(16) a. Mine's the big red car.

'O meu é o carro vermelho grande.'

b. \*Mine's the red big car.

'O meu é o carro grande vermelho.'

(Scott, 2002: 94, com traduções nossas para o português)

A partir da gramaticalidade de (16a) e a agramaticalidade de (16b), podemos postular que há uma ordenação entre os adjetivos de tamanho e cor, exemplificada respectivamente por *big* e *red* em (16a) e (16b). A ordenação seria, portanto, a seguinte: TAMANHO>COR>NOME, com os adjetivos de cor sendo gerados mais perto do nome e os de tamanho em uma projeção mais alta, comparativamente mais perto do determinante.

---

<sup>9</sup> No original, a hierarquia proposta pelo autor é a seguinte:

"DETERMINER > ORDINAL NUMBER > CARDINAL NUMBER > SUBJECTIVE COMMENT > ?EVIDENTIAL > SIZE > LENGTH > HEIGHT > SPEED > ?DEPTH > WIDTH > WEIGHT > TEMPERATURE > ?WETNESS > AGE > SHAPE > COLOR > NATIONALITY/ORIGIN > MATERIAL > COMPOUND ELEMENT > NP" (Scott, 2002: 114)

Embora Scott exemplifique a maior parte da hierarquia com dados do inglês, a hierarquia, tal como ele a concebe, deve ser adequada para todas as línguas, mesmo que algumas de suas partes sejam parametrizáveis, levando em conta o Princípio de Uniformidade de Chomsky (2001), largamente assumido pelo Projeto Cartográfico. A abrangência dessa proposta pode ser demonstrada com dados do português, em que a ordem, mesmo que espelhada, segue a mesma hierarquia prevista: a projeção de cor é mais próxima do nome e a projeção de tamanho, a mais distante. Isso é exemplificado em (17):

- (17) a. O meu é o carro vermelho grande.
- b. \*O meu é o carro grande vermelho.

A ordem espelhada se dá pelo fato de haver movimento do nome em línguas românicas. (Cinque, 1994 [2010]). Esse movimento é motivado pelo fato de que os nomes nas línguas românicas alçam para posições de gênero e número dentro do DP, levando, com eles, adjetivos pós-nominais quando sobem. Além de dados como (16) e (17) mostrarem que a ordem entre os adjetivos de cor e tamanho é robusta translinguisticamente, a constância de tal ordem em diferentes línguas mostra que a hipótese de adjunção livre de adjetivos, de fato, não se sustenta. Scott (2022: 97) também destaca que parece existir uma limitação da quantidade de adjetivos que podem aparecer dentro do mesmo sintagma nominal, por volta de 6 ou 7 elementos, uma observação também já presente em Cinque (1994 [2010]). Se os APs fossem entendidos como adjuntos, isso teria de ser explicado, uma vez que a adjunção pode ocorrer livremente, sem nenhuma restrição de ordem ou quantidade.

A ordenação dos adjetivos feita por Scott (2002) é uma das mais extensas. Enquanto autores como Hetzron (1978) e Sproat e Shih (1988) mapearam a ordem de algumas classes de adjetivos no DP, como tamanho, cor e avaliativos, Scott (2002) oferece um ordenamento de pelo menos 16 classes. Como é possível perceber por meio dos sinais

de interrogação, Scott (2002) indica algumas incertezas em relação ao ordenamento de adjetivos. Algumas categorias ficam em aberto, como a possibilidade da existência da categoria EvidentialP (EvidênciaP), criada a partir do desdobramento da categoria Comentário Subjetivo em duas. *Evidência* diz respeito a uma avaliação/constatação fixa, invariável, isto é, uma “avaliação geral, estável ou padrão” (Scott, 2002, p. 110, tradução nossa),<sup>10</sup> enquanto o Comentário Subjetivo seria a “avaliação do próprio falante ou uma avaliação que pode ser mais transitória” (Scott, 2002: 110, tradução nossa).<sup>11</sup> (18) mostra um exemplo que pode ser analisado como desmembramento da categoria Comentário Subjetivo em duas:

(18) *A boring famous book.*

‘Um livro chato.’

O primeiro adjetivo *boring* (*entediante, chato*, no português) diz respeito a um comentário pessoal, algo que pode variar dentro de um grupo de pessoas: há aquelas que podem considerar o livro entediante e outras que podem discordar. O mesmo não acontece com *famous* (*famoso*, no português), já que essa é uma constatação que gera menos variação de opiniões, é um comentário consensual: o livro é conhecido ou não. Dessa forma, *boring*, em (18), estaria na posição de especificador de Comentário Subjetivo, justamente pela sua semântica de opinião pessoal. Já *famous*, nessa análise, é especificador de Evidência, por se referir também a uma avaliação, mas, dessa vez, fixa/invariável. É importante salientar que os adjetivos em (18) não podem ter suas interpretações trocadas. Isto é, *boring* não pode, em (18), significar um comentário consensual sobre o livro. Tampouco *famous*, na ordenação em (18), pode ter uma leitura de comentário subjetivo. Novamente, o mesmo se observa em português, independentemente de a ordem ser espelhada nesta língua em virtude do movimento do

---

<sup>10</sup> No original: “general, stable, or standard evaluation.” (Scott, 2002: 110)

<sup>11</sup> No original: “[indicates] the speaker’s own evaluation or an evaluation that may be more transitory.” (Scott, 2002: 110)

NP. Como (19) mostra, o adjetivo *famoso* está mais perto do nome e tem também a leitura de um julgamento consensual, partilhado por muitas pessoas. Da mesma forma, *chato* tem, em (19), a leitura de um comentário particular, sendo expoente da categoria Comentário Subjetivo.<sup>12</sup>

(19) Um livro famoso chato.

É importante notar a predição que a hierarquia de Scott (2002) faz para casos de adjetivos que originalmente possuem uma semântica, mas podem, ao longo do tempo, desenvolver outra.<sup>13</sup> Na nova acepção desenvolvida, os adjetivos estão em outra posição, condizente com o conteúdo semântico que têm agora. É o que as sentenças em (20), retiradas de Scott (2002: 106) exemplificam.

- (20) a. That really cool long red dress. (Comentário Subjetivo > Comprimento > Cor>N)  
 ‘Aquele vestido vermelho longo bem legal.’  
 b. \*That really long cool red dress. (Comprimento > Comentário Subjetivo > Cor>N)  
 ‘Aquele vestido vermelho legal bem longo.’  
 c. \*That really red cool long dress. (Cor > Comentário Subjetivo > Comprimento>N)  
 ‘Aquele vestido longo legal bem vermelho.’

Observando-se os sintagmas em (20), nota-se que os adjetivos *cool*, *long* e *red* devem ser soldados na sentença em uma ordem específica, como demonstrada em (20a). Essa ordem se deve ao fato de que *cool* em (20a) é um comentário subjetivo, não um adjetivo do campo semântico da temperatura, que é a acepção original da palavra *cool*. Os exemplos em (21) mostram o mesmo:

- (21) a. A small large firm. (Comentário Subjetivo > Tamanho>N)  
 Uma firma grande pequena.

<sup>12</sup> Além de Evidência, as categorias de ProfundidadeP e UmidadeP, em (15), também são marcadas como duvidosas. Scott (2002) levanta a possibilidade do desdobramento das categorias já consolidadas TamanhoP e TemperaturaP, gerando, assim, essas duas categorias, respectivamente.

<sup>13</sup> Está fora do escopo deste trabalho discutir se esses são casos de polissemia ou homonímia.

- b. \*A large small firm. (Tamanho > Comentário Subjetivo > N)  
Uma firma pequena grande.

Nos sintagmas em (21) temos dois adjetivos que, à primeira vista, seriam entendidos como *tamanho* e, resultariam, conseqüentemente, em uma frase anômala, já que a empresa seria, ao mesmo tempo, pequena e grande. Porém, o sintagma em (21a) veicula, na verdade, que a empresa é grande, mas é pequena em comparação a outras grandes empresas. Como Scott (2002: 107) explica, *large* é gerado perto do nome como especificador da categoria SizeP (TamanhoP, na nossa tradução). *Small*, por outro lado, não se relaciona com a categoria Size (Tamanho), posição já ocupada por *large*, mas está na posição de Comentário Subjetivo, que é mais alta na hierarquia. Desse modo, *small* não se refere ao tamanho propriamente dito da empresa, mas a uma opinião subjetiva, relacionada às transações da empresa. O dado em (21a) é também um bom exemplo de que não é possível ter dois adjetivos em um DP que tenham a mesma contribuição semântica.

## 2. Discussão da hierarquia de Scott (2002) para o português

Como dito na seção anterior, a hierarquia de Scott (2002) é apresentada como translinguística, mas é largamente desenvolvida com exemplos do inglês, como nossa rápida explanação na seção passada mostra. A breve comparação que fizemos com o português brasileiro evidencia que tal hierarquia também é produtiva na língua portuguesa, com uma única diferença: o NP, após a concatenação dos elementos, realiza o movimento de subida na estrutura sintática, o que não ocorre no inglês. Os exemplos a seguir demonstram isso:

- (22) a. Carro vermelho rápido. ([NP N > Cor] > Velocidade)  
b. \*Carro rápido vermelho. ([NP N > Velocidade] > Cor)

- (23) a. \*Caneta brasileira azul. ([NP N > Nacionalidade/ origem] > cor)



b. Caneta azul brasileira. ([<sub>NP</sub>N > Cor] > Nacionalidade/ origem)

(24) a. \*Jardim bonito pequeno. ([<sub>NP</sub>N > Comentário Subjetivo] > Tamanho)

b. Jardim pequeno bonito. ([<sub>NP</sub>N > Tamanho] > Comentário Subjetivo)

No sintagma em (22a), a organização do tipo ([<sub>NP</sub>N > Cor] > Velocidade) representa a configuração neutra do sintagma, o que indica, antes do movimento, a ordem Velocidade > Cor > N. Assim, a inversão dessas categorias adjetivais (Velocidade antes de Cor) apresenta um sintagma agramatical, em uma ordem neutra, como vemos em (22b). Além disso, o exemplo (23) mostra que a relação entre os adjetivos de Nacionalidade e Cor indica que a concatenação de *brasileira* se dá em uma posição mais alta na árvore, após a concatenação do adjetivo de Cor. Por último, em (24), destacamos que o exemplar gramatical é aquele no qual o adjetivo *bonito* - que pertence à categoria Comentário Subjetivo - é linearizado por último, já que se encontra em uma posição mais alta na hierarquia; enquanto *pequeno* está mais perto do nome e tem uma posição hierárquica mais baixa. Com esses casos, pode ser comprovado o que estamos discutindo: por mais que tenha sido proposta largamente baseada no inglês, a proposta de Scott (2002) é válida para o português também.<sup>14</sup>

Com a aplicabilidade da hierarquia de Scott ao português, chegamos a um dos pontos principais deste artigo: testar a hierarquia para o sintagma verbal, tendo dois focos empíricos em mente, a distribuição de advérbios com *-mente* no sintagma verbal e a aplicabilidade da hierarquia de Scott (2002) para a ocorrência de adjetivos no sintagma

---

<sup>14</sup> Um parecerista anônimo chama nossa atenção para o Princípio da Uniformidade de Chomsky (2001), o qual assume que, na ausência de evidência contrária, devemos assumir que as línguas são uniformes. Esse princípio é largamente explorado em trabalhos de cartografia. Por esse Princípio ser tomado como um pressuposto em trabalhos de Cartografia, o nosso raciocínio de testagem para o PB pode parecer um pouco estranho.

No entanto, um dos objetivos deste artigo é justamente testar se a hierarquia proposta por Scott é completamente aplicável para o português. Assim, não estamos tomando esse Princípio como um pressuposto no caso de ordenação dos adjetivos, mas como passível de testagem antes de assumirmos sua completa transposição para o PB. Além disso, um dos objetivos principais do artigo é a testagem da hierarquia de Scott para o sintagma verbal, por isso, antes dessa testagem, temos de fazer uma testagem também no sintagma nominal, mesmo que breve, como um passo argumentativo.

verbal. Se assumimos que os adjetivos são gerados na mesma posição quando estão em projeções estendidas do sintagma nominal e do sintagma verbal, vamos esperar que a hierarquia de Scott, em (15), seja explanatória para dois fenômenos dentro do VP: a) a ordem dos advérbios/adjetivos que ocorrem no VP; b) a explicação sobre por que advérbios ocorrem com *-mente* ou sem *-mente*, ou seja, superficialmente como adjetivos modificadores do sintagma verbal, com base em sua posição sintática.

A possibilidade de explicação da ordem dos advérbios/adjetivos dentro do sintagma verbal é, simplesmente, uma aplicação da hierarquia de Scott (2002) a outro domínio funcional, uma possibilidade para a qual o próprio Scott acena, mas não explora. Sobre isso, Scott (2002: 111) diz que:<sup>15</sup>

[o]utro problema não discutido neste artigo é a questão da ordem hierárquica dos adjetivos não estar ligada a nenhuma classe semântica específica. Valois (1991, cap. 4), por exemplo, discute como adjetivos possuem a mesma distribuição de padrões de suas contrapartes adverbiais quando modificam nominais eventivos.

- (i) a. They [TP **probably** [VP **completely** invaded Jupiter] ].  
 b. \*They completely probably invaded Jupiter. (Valois 1991, 149)  
 (ii) a. the probable complete invasion of Jupiter  
 b. \*the complete probable invasion of Jupiter (Valois 1991, 151)

---

<sup>15</sup> No original:

“Another issue not dealt with in this article is the question of adjectives displaying AOR that do not belong clearly to any of the semantic categories in (19). Valois (1991, chap. 4) for example, discusses how adjectives that have adverbial equivalents display distribution patterns cross-linguistically within event nominal projections that are identical with their adverbial counterparts:

- (41) a. They [TP probably [VP completely invaded Jupiter] ].  
 ‘Eles provavelmente invadiram Júpiter completamente.’  
 b. \*They completely probably invaded Jupiter. (Valois 1991, 149)  
 ‘\*Eles completamente provavelmente invadiram Júpiter.’  
 (42) a. the probable complete invasion of Jupiter  
 ‘A provável invasão completa de Júpiter.’  
 b. \*the complete probable invasion of Jupiter (Valois 1991, 151)  
 ‘\*A completa invasão provável de Júpiter.’ ”

(Scott 2002:111)

Portanto, além de testar a plausibilidade da hierarquia de Scott para o PB, também testamos se é válido assumir a mesma hierarquia em categorias diferentes. Ou seja, se a hierarquia de Scott é válida para explicar a ordem de modificação dos adjetivos em relação aos nomes, fica a questão de se a mesma hierarquia pode ser usada para explicar a ordem de modificação dos adjetivos em relação aos verbos.

Em relação ao fenômeno em (b) no parágrafo acima (a explicação sobre por que advérbios ocorrem com ou sem o sufixo *-mente*), hipotetizamos que a hierarquia pode ser útil pelos motivos a seguir. Como muito discutido na literatura, os advérbios em *-mente* são formados a partir de adjetivos. A literatura (Basílio 2004; Queming, 2010) também reporta que os advérbios em *-mente* têm um significado abstrato, invariavelmente. Isto é, enquanto um adjetivo como *amplo* pode ser usado em um significado literal (*espaço amplo*) e metafórico (*argumento amplo*), quando modifica um nome, a anexação de *-mente* só permite uma leitura metafórica. Portanto, em uma sentença como *ele defendeu o time amplamente*, a leitura é de que ele usou vários recursos (argumentativos ou financeiros, por exemplo) para defender o time. Se tentarmos construir uma sentença que leve a uma leitura não metafórica do advérbio, como em *ele construiu a casa amplamente*, não obtemos sucesso. Conseguimos, também, nesse caso, somente leituras metafóricas, ainda que desviantes: ele fez um projeto amplo da casa e, como consequência, a casa foi construída amplamente; ele tinha muitos recursos para a construção da casa etc. Crucialmente, uma leitura literal como: a construção foi ampla ou a casa resultante da construção foi ampla não está disponível.

Portanto, a distribuição de *-mente* evidencia que esse sufixo se junta a algumas classes semânticas somente e usar uma hierarquia dos adjetivos, tal como a proposta por Scott, pode ser válido para determinar a quais projeções sintáticas o *-mente* é sensível. Todavia, temos que levar em conta três questões na aplicação da hierarquia de Scott aos dados de adjetivos/advérbios no sintagma verbal: há adjetivos que recebem invariavelmente o sufixo *-mente*, outros que podem ou não receber esse sufixo e outros, ainda, que não podem aceitar esse sufixo. Para mapear as principais classes dos adjetivos

que recebem *-mente* obrigatoriamente, opcionalmente e os que não recebem esse sufixo, levamos em conta o trabalho feito por Queming (2010), que realizou, com base no português europeu, um trabalho empírico de compreender e organizar essas três classes. Para uma primeira exemplificação, consideremos os dados em (25).

- (25) a. Ela sentou comportadamente. (vs. \*Ela sentou comportado)  
b. Ela limpou a mesa rápido/ rapidamente.  
c. Ela cagou verde. (vs.\* Ela cagou verdemente)

A comparação entre (25a) e (25b) mostra que somente uma categorização como advérbio de modo não é suficiente para explicar a distribuição dos adjetivos que obrigatoriamente recebem *-mente* e dos que não recebem. Crucialmente, em (25a) e (25b), temos advérbios de modo. Em (25b), temos uma sentença em que o advérbio se manifesta tanto com o sufixo quanto sem ele. Por último, em (25c), há um caso em que o sufixo *-mente* não pode se combinar com o adjetivo. Assim, se fizermos uma aplicação da hierarquia de Scott para a distribuição de *-mente*, vamos assumir que há três pontos na hierarquia: adjetivos em algum ponto da hierarquia não podem receber o sufixo *-mente*, adjetivos em outro ponto da hierarquia podem ou não receber *-mente* e adjetivos em outro ponto da hierarquia recebem *-mente* invariavelmente. A próxima seção explora tanto a possibilidade de transposição da hierarquia para o sintagma verbal quanto as possibilidades de anexação de *-mente*.

### 3. Testando a hierarquia

Como a hierarquia de Scott é extensa e refinada, fizemos três cortes para as testagens. Na seção 3.1, começamos das posições mais altas da hierarquia proposta, testando tanto a pertinência dessas classes como modificadoras do sintagma verbal quanto a possibilidade de anexação de *-mente*. Na seção 3.2, discutimos algumas posições

intermediárias da hierarquia, usando os mesmos critérios e, na seção 3.3, as posições mais baixas.

### 3.1 Adjetivos que obrigatoriamente ocorrem com *-mente*

Nesta seção testaremos a aplicabilidade da hierarquia de Scott (2002) para as classes de Comentário Subjetivo, Evidência e Tamanho, as categorias adjetivais mais altas dentre as propostas pelo autor, e a relação de obrigatoriedade com o sufixo. Nota-se que não consideramos os demais elementos de um DP (determinante, número ordinal e cardinal e NP), levadas em consideração por Scott (2002), dada a irrelevância deles nesse contexto. Como destacado por Queming (2010: 23), “a classe lexical que fornece as bases para a grande maioria dos advérbios em *-mente* é a dos adjetivos” e, portanto, é sobre eles que esse trabalho irá se debruçar.

Queming (2010: 26), em seu trabalho empírico sobre a produtividade na formação de advérbios terminados em *-mente* no português europeu, percebe que há uma predileção do sufixo por adjetivos de sentido abstrato, em relação ao sentido do adjetivo ao qual *-mente* se anexa, o que também se verifica em português brasileiro (cf. Basílio 2004). Esse é o caso de *altamente* que, como colocado pela autora, é gramatical apenas no sentido metafórico de importância ou relevância, evitando a acepção agramatical de tamanho/ propriedade física. Além disso, Queming (2010) também pontua que esse sufixo não se liga a adjetivos simples que denotam propriedades físicas ou relativas ao aspecto, tamanho, cor ou idade, como os exemplos *\*compridamente*, *\*carecamente*, *\*antigamente* (no sentido de idade, não de tempo) e *\*amarelamente* mostram.

Voltando à hierarquia de Scott, sabemos que os advérbios de Comentário Subjetivo e Evidência são mais altos na estrutura sintática. Ao mesmo tempo, percebemos também que ambas as categorias fornecem um comentário, que pode ser padrão/estável, o caso de EvidênciaP, ou transitório e subjetivo, como em ComentárioSubjetivoP. Como aponta Queming (2010), parece haver preferência do sufixo em questão por elementos que

possuam sentido abstrato, como fornecido por essas categorias. Portanto, já podemos assumir aprioristicamente que o *-mente* tem preferência por posições mais altas na hierarquia de adjetivos, levando em conta o trabalho empírico de Queming de levantamento dos adjetivos bem formados. Resta saber, assim, qual sua posição a partir da qual a anexação de *mente* se torna obrigatória levando em conta a hierarquia em (15) para o sintagma nominal, repetida aqui como (26).

(26) DETERMINANTE > NÚMERO ORDINAL > NÚMERO CARDINAL >  
**Comentário Subjetivo** > ? **Evidência** > **Tamanho** > **Comprimento** >  
**Altura** > **Velocidade** > ? **Profundidade** > **Largura** > **Peso** >  
**Temperatura** > ? **Umidade** > **Idade/ Tempo** > **Formato** > **Cor** >  
**Nacionalidade / origem** > **Material** > **Elemento composto** > NP

Como estamos testando se essa hierarquia é também possível para o sintagma verbal, assumiremos a mesma estrutura em (26) para fazer os testes de modificação no sintagma verbal.

É importante ressaltar que, ao testar a mesma hierarquia para o sintagma verbal, concebemos tal hierarquia como uma extensão do sintagma verbal. Dessa forma, os adjetivos são modificações em diferentes alturas do sintagma verbal e não constituem, necessariamente, modificações ao verbo. Essa concepção é importante ao considerarmos os casos que veremos na seção 3.3, em que há adjetivos modificando o sintagma verbal, mas eles não possuem qualquer relação com o evento, como veremos.

Com isso em mente, consideremos os exemplos em (27):

- (27) a. Maria se comportou dignamente diante da situação. (vs \*Maria se comportou digna diante da situação)
- b. Ele trabalhou fielmente durante todos os anos na empresa. (vs \*Ele trabalhou fiel durante todos os anos na empresa)

Nesses casos, *dignamente* e *fielmente* são advérbios formados a partir de adjetivos pertencentes à categoria de Comentário Subjetivo, pois denotam uma “avaliação do próprio falante ou uma avaliação que pode ser mais transitória” (Scott 2002: 110). Em (27a), é nítido que a sentença gramatical possui a presença do sufixo *-mente*, já que, como é mostrado, a versão sem esse elemento é agramatical. Sem o *-mente*, o adjetivo *digna*, não pode ser interpretado como um comentário subjetivo sobre o comportamento da Maria na situação. Dessa forma, há uma agramaticalidade na leitura pesquisada.

O mesmo parece acontecer em (27b), em que *fielmente* não pode ser intercambiado pelo adjetivo *fiel* sem que o significado da sentença seja modificado. Sem o sufixo, *fiel* tem outra função sintática, a de adjetivo que caracteriza o DP, sendo um predicado secundário. Em outras palavras, sem o sufixo, a noção de que o trabalhador esteve na empresa se dedicando fielmente a sua função não é licenciada. A partir desses exemplos, podemos concluir que a alternância dessas formas não é possível e, assim, o uso do sufixo *-mente* não é opcional, mas obrigatório, para os adjetivos de Comentário Subjetivo.

Como discutido anteriormente, Scott (2002) propõe também a existência de Evidência, classe semântica que indica um comentário geral, estável ou padrão (Scott, 2002: 109-110). Os exemplos abaixo, retirados do trabalho do autor, exemplificam essa classe:

(28) a. Oh, it's a really boring famous book.

‘Ah, é um livro famoso bem chato.’

b. Oh, it's a really famous boring book.

‘Ah, é um livro chato bem famoso.’

De acordo com Scott (2002: 109), em (28a), para uma leitura gramatical deve haver a seguinte ordem: Comentário Subjetivo em posição acima à da categoria Evidência. Ou seja, *boring*, o adjetivo mais alto, é uma avaliação subjetiva e *famous* é um apontamento

estável/ universal e, por isso, ocupa a posição de EvidênciaP no sintagma nominal. Uma leitura construída a partir da inversão dessas categorias, em que o livro é considerado por todos enfadonho mas alguém o considera famoso, não é permitida para a sequência em (28a). Em (28b), observamos o contrário. A posição hierárquica dos adjetivos aponta para a interpretação de que o livro é geralmente tido como chato, mas particularmente considerado famoso, uma vez que *famous* está na posição de Comentário Subjetivo e *boring* em Evidência.

Para analisar o emprego obrigatório ou opcional do sufixo na categoria de Evidência, consideremos os exemplos em (29):

- (29) a. O artigo foi escrito cientificamente. (vs \*O artigo foi escrito científico)  
 b. O menino agiu corretamente. (vs \*O menino agiu correto)

Como (29a) e (29b) apontam, *cientificamente* e *corretamente*, quando expressam a categoria de Evidência, devem aparecer com o sufixo *-mente*.<sup>16</sup> As versões, sem o *-mente*, *O artigo foi escrito científico* e *O menino agiu correto*, são agramaticais, provando a obrigatoriedade do uso do *-mente* também para a categoria de Evidência. Assim, até então, entendemos que as classes mais altas - Comentário Subjetivo e Evidência - na hierarquia solicitam, de maneira obrigatória, a presença do sufixo em questão.

A próxima posição na hierarquia é a de TamanhoP. Para a testagem dessa categoria, consideremos os exemplos em (30):

- (30) a. Um colar azul grande.

---

<sup>16</sup> Um parecerista anônimo julga aceitável a sentença *\*O menino agiu correto*, em (29b). Para nós, a única interpretação possível é a de que o menino agiu e é correto, ou seja, uma interpretação em que *correto* funciona como um predicado secundário, não um adjunto. Como não podemos testar possíveis diferenças robustas entre os julgamentos do parecerista e os nossos, somente registramos aqui essa diferença na esperança de que trabalhos futuros determinem se é uma diferença gramatical efetivamente ou idiossincrática.



- b. O menino cresceu grandemente nos últimos anos. (vs \*O menino cresceu grande nos últimos anos)
- c. O menino melhorou enormemente. (vs. \*O menino melhorou enorme).

Em (30a), há um sintagma gramatical, o que nos ajuda a lembrar do fato de que, dentro de um NP, o adjetivo de tamanho (*grande*) é licenciado. Entretanto, em (30b), é perceptível que *\*O menino cresceu grande nos últimos anos* não é permitido, o que aponta para o fato de que os adjetivos de tamanho são agramaticais dentro do VP. Nesse mesmo exemplo, *O menino cresceu grandemente nos últimos anos*, ao contrário da versão sem o sufixo, é uma sentença possível. Todavia, *grandemente*, nesse caso, caracteriza uma avaliação subjetiva do crescimento. Inclusive, o próprio crescimento de que se fala pode ser metafórico, ou seja, o menino pode ter crescido em moral e caráter, por exemplo. Isso nos leva a concluir que não há, efetivamente, um advérbio de tamanho, formado a partir do sufixo *-mente*, nesse caso.

O exemplo em (30c) também exemplifica isso de outra maneira. Quando usamos outro verbo, que não está relacionado a crescimento, fica ainda mais claro que advérbios como *grandemente* e *enormemente* não podem ter leitura de tamanho quando estão no VP. Ou eles possuem a leitura de Comentário Subjetivo ou uma leitura de grau (basicamente, a leitura de *muito*). Dessa forma, em (30c), ou se faz um comentário subjetivo, que é uma avaliação da melhora da criança, ou se expressa o grau dessa melhora, resultando em uma leitura próxima de *o menino cresceu muito/ bastante*. Por esse motivo, podemos dizer que os advérbios *grandemente* e *enormemente* não funcionam em sua acepção de tamanho. Não há, assim, nenhum traço original de tamanho, como há em *um colar azul grande* - em que, de fato, o adjetivo indica as dimensões do objeto.

A partir disso, podemos perceber que o *-mente*, com relação a TamanhoP, não é utilizado dentro da característica semântica da categoria - que deveria indicar o tamanho/ propriedade física. Assim, essa classe não se combina com o *-mente*. Apenas as classes

mais altas da hierarquia, a de Comentário Subjetivo e Evidência, possuem a obrigatoriedade do sufixo *-mente*. É importante também notar que a classe de TamanhoP não parece estar disponível no sintagma verbal, o que já nos mostra que as hierarquias de adjetivo para os sintagmas nominal e verbal não são as mesmas.

### 3.2. Adjetivos que podem ou não ocorrer com *-mente*

As categorias mais altas da hierarquia de Scott (2002) já foram testadas na seção 3.1. Nesta seção, analisamos as categorias do meio da hierarquia. As categorias analisadas serão as de: *comprimento*, *altura*, *velocidade*, *profundidade*, *largura*, *peso* e *temperatura*. No exame dessas categorias intermediárias, começa a acontecer um fenômeno que vai se repetir também na seção 3.3, quando os adjetivos mais baixos forem examinados: várias dessas categorias não são licenciadas como modificadores do sintagma verbal. Como a maioria delas, com exceção de duas, não são licenciadas, discutimos as categorias em bloco nos exemplos em (31).

- (31) a. A cabeleireira cortou um pouco mais curto (\*curtamente) do que o normal os cabelos longos dos manequins nesta semana, mas eles continuam longos.  
 b. Ela empilhou os livros alto/\*altamente.  
 c. Ela levantou da cadeira rápido/rapidamente.  
 d. Ela cozinhou o caldo \*espesso/?espessamente.  
 e. Ela ergueu o peso \*leve/\*levemente.  
 f. Ela cozinhou o risoto \*quente/\*quentemente.

Podemos organizar os dados acima em três categorias: (i) aqueles em que o adjetivo é licenciado como modificador no sintagma verbal sem o *-mente*; (ii) aqueles em que o adjetivo é licenciado como modificador no sintagma verbal tanto com quanto sem o *-mente* e, finalmente, (iii) aqueles em que o adjetivo não pode ser licenciado como modificador no sintagma verbal, independentemente de ter o sufixo *-mente* ou não.

Na primeira categoria, enquadram-se os dados em (31a) e (31b), em que os adjetivos expressam comprimento e altura. Como em (31a) o adjetivo *curto* poderia ser

entendido como modificador de cabelos, fizemos um contexto maior que descarta essa leitura. Embora evidentemente existente, ela não é relevante para o exame dos dados porque o foco não é a modificação de nomes por adjetivos.

Na sentença em (31a), fica claro que *curto* está modificando o sintagma verbal porque o adjetivo *longos* já modifica o nome. É impossível, portanto, que um cabelo seja curto e longo ao mesmo tempo, já que ambos ocupariam a mesma posição na estrutura arbórea. Em (31b), o adjetivo *alto* modifica o sintagma verbal, denotando a altura da pilha formada.

Na segunda categoria, em que o adjetivo é licenciado como modificador do sintagma verbal tanto com quanto sem o *-mente*, entram somente os adjetivos de velocidade, como *rápido* em (31c). Se o adjetivo dessa classe semântica tiver uma forma com *-mente*, ela será licenciada nessa leitura. Assim, temos: *veloz/velozmente, ligeiro/ligeiramente, breve/brevemente* etc.

A maior parte dos adjetivos, contudo, não é licenciada como modificador no sintagma verbal. É o que se vê em (31d), (31e) e (31f), com adjetivos de largura, peso e temperatura, respectivamente. Nos três casos dessa categoria, os adjetivos *espesso, leve e quente* poderiam modificar o nome na posição de objeto direto, formando os constituintes *caldo espesso, peso leve e risoto quente*. Perceba, contudo, que essas não são as leituras que nos interessam, porque modificam o nome na posição de objeto direto, o que já era esperado, e não modificam algum elemento do sintagma verbal. A incompatibilidade com o sintagma verbal é resultante de incompatibilidade semântica: não há como cozinhar um caldo de modo espesso ou erguer algo de modo leve ou cozinhar de modo quente. A exemplo do que vimos na seção 3.1, alguns desses adjetivos poderiam ter outras leituras, mas não as que estão em discussão. Assim, uma sentença como *erguer o peso levemente*, em (31e), pode significar *erguer parcialmente*, não erguer de modo leve.

Em resumo, o que vemos neste grupo de adjetivos é algo diferente do esperado: os dois adjetivos mais altos desse grupo não licenciam *-mente* quando modificam o sintagma

verbal e um grupo de adjetivos hierarquicamente mais baixo opcionalmente licencia esse sufixo.

### 3.3. Adjetivos que não podem ocorrer com *-mente*

Nesta seção, analisamos os adjetivos correspondentes às classes mais baixas da hierarquia de Scott (2002), que não recebem o sufixo *-mente*, a saber: Umidade > Idade/Tempo > Formato > Cor > Nacionalidade / origem > Material > Elemento composto. A observação dos dados mostra que esses adjetivos estão em uma determinada posição da hierarquia cujo escopo sobre o evento não é possível. Em outras palavras, as categorias mais baixas analisadas nesta seção, que vão desde Elemento composto, posição mais baixa testada, até Umidade, contemplam adjetivos que não são semanticamente apropriados para caracterizar eventos, por isso nem um deles recebe o sufixo *-mente*. Ou seja, os adjetivos examinados nesta seção têm um comportamento diametralmente oposto àqueles examinados na seção 3.1. Embora se pareçam com os adjetivos examinados na seção 3.2, em não aceitar o sufixo *-mente*, são, a maioria, licenciados no sintagma verbal, mas em uma posição mais baixa do que o verbo, como veremos.

Para iniciar a discussão, apresentamos o conjunto de dados a seguir, que trazem adjetivos da categoria Umidade, a mais alta entre as testadas nesta seção.

(32) Ela tossiu seco. (Leung, 2007: 46)

(33) O João me beijou molhado/melado. (Leung, 2007: 46)

Ambos os adjetivos estão na categoria de Umidade por sua semântica. O adjetivo *wet* (molhado) aparece como representante da categoria Umidade para Scott, porém, não há exemplos com o adjetivo *seco*. No dado em (33), incluímos esse adjetivo na mesma categoria que *molhado* (a categoria Umidade), uma vez que esses itens são antônimos e não podem ambos aparecer na mesma sentença (\**O João me beijou molhado/seco*), um

indicativo de que estão ambos na mesma posição sintática, a de especificador de UmidadeP.

Com esses dados, não é possível a alternância do adjetivo com a forma adverbial, uma vez que o acréscimo do sufixo *-mente* resulta em formas agramaticais (*\*Ela tossiu secamente* e *\*O João me beijou molhadamente/meladamente*). Especificamente para o dado em (32), um dado como *Ela tossiu secamente*, teria a interpretação de que *Ela foi ríspida*. Ou seja, embora o dado seja gramatical, ele não o é na leitura pretendida. Nesse caso, então, o adjetivo *secamente* estaria em outra projeção, como a de Comentário Subjetivo, já que se trata de uma avaliação do interlocutor que fala essa sentença.

Na hierarquia, a categoria imediatamente inferior à Umidade é Idade/Tempo. Adjetivos como *young, old, new, modern* (*jovem, velho, novo moderno*) são representantes dessa categoria para o autor. Como os dados em (34) e (35) mostram, essa categoria não é licenciada no sintagma verbal, nem com *-mente* nem sem ele. Portanto, assim como vimos para TamanhoP, estamos lidando aqui com uma categoria de adjetivo que só é licenciada no sintagma nominal.

(34) *\*O João me beijou modernamente/velhamente. (\*O João me beijou moderno/velho).*

(35) *\*O João me ligou modernamente/velhamente. (\*O João me ligou moderno/velho).*

Além disso, para Scott (2002), *young, old, new, modern* são adjetivos representantes dessa classe, mas, ao tentar transpor essa categoria para os sintagmas verbais, os candidatos naturais para a categoria de tempo seriam advérbios como *ontem* e *amanhã*. Aqui, encontramos uma série de dificuldades para transpor as projeções de Scott do sintagma nominal para o sintagma verbal. Há uma incompatibilidade, primeiramente, de itens lexicais: *young, old, new, modern* não modificam sintagmas verbais, como os testes em (34) e (35) mostram. Por outro lado, advérbios como *ontem* e

*amanhã* não modificam sintagmas nominais, mas modificam sintagmas verbais. Assim, em um primeiro momento, podemos estar lidando somente com uma especialização de itens lexicais: *jovem*, *velho*, *novo* e *moderno* modificariam sintagmas nominais e *ontem* e *amanhã* modificariam verbais.

Contudo, há mais diferenças, como diferenças categoriais: *ontem* e *amanhã* são exemplos da subclasse fechada dos advérbios, aqueles que não vieram de adjetivos, enquanto *novo*, *velho* e *jovem* são adjetivos. E, por fim, parece também haver uma diferença na posição sintática das classes de tempo como projeções estendidas do sintagma nominal e do sintagma verbal. Se Scott estiver certo e Idade/Tempo for uma das categorias mais baixas no sintagma nominal, há um descompasso em relação a essa categoria com modificação no sintagma verbal, já que o Tempo é uma das projeções estendidas do sintagma verbal e está mais alta do que uma projeção de Umidade, por exemplo, como (36) mostra pela ordenação de *molhado* e *ontem*:

(36) O João me beijou molhado ontem.

Em suma, esse é um caso diferente dos outros que vimos, porque não se trata da inexistência de uma projeção postulada no sintagma nominal para o sintagma verbal, mas sim de uma posição diferente, se assumirmos a equivalência de Idade/Tempo, tal como proposta por Scott, e Tempo como a categoria estendida do sintagma verbal.

Na sequência, analisamos os adjetivos em (37) e (38), representantes, para nós, da categoria Formato no sintagma verbal:

(37) Elas andam torto. (Lobato 2008: 219)

(38) A Maria escreveu torto/reto/trêmulo. (Leung 2007: 52)

Diferentemente da anterior, essa categoria é licenciada como modificadora no sintagma verbal, mas sem inserção do *-mente*. Ao testarmos a gramaticalidade das

sentenças a partir da inserção do sufixo *-mente*, é possível observar que o seu uso produz formas agramaticais (*\*Elas andam tortamente/ \*A Maria escreveu tortamente/retamente/tremulamente*).

Avançando para a categoria Cor, a categoria imediatamente inferior a Formato na hierarquia de Scott (2002), analisamos os adjetivos *preto* em (39) e *verde* em (40).

(39) Enquanto esperava o resultado, foi ao banheiro e urinou preto.<sup>17</sup>

(40) Bebi vinho e caguei verde.<sup>18</sup>

O teste de inserção do sufixo *-mente* resulta em formas igualmente agramaticais para esses dados (*\*foi ao banheiro e urinou pretamente/ \*bebi vinho e caguei verdemente*).

Na sequência da hierarquia, Scott introduz as categorias Nacionalidade/ Origem, Material e Elemento composto.<sup>19</sup> No dado em (41), adaptado de Scott (2002), o adjetivo *English* aparece como um representante da categoria Nacionalidade/ Origem.

(41) An alleged English baron. (Scott 2002: 113, adaptado)

Adjetivos de Nacionalidade/Origem não são licenciados como modificadores nos sintagmas verbais. Isso fica claro na sentença em (42), em que a aplicação desses mesmos adjetivos como modificadores em sintagmas verbais produz sentenças agramaticais.

(42) *\*Elas andam/escrevem inglês. (\*eles andam/escrevem \*inglesmente)*

---

<sup>17</sup> [https://twitter.com/gabe\\_carneiro/status/1289615500306128897](https://twitter.com/gabe_carneiro/status/1289615500306128897), último acesso: 10/05/24.

<sup>18</sup> <https://twitter.com/beamom/status/1585714084137168896>, último acesso: 10/05/24.

<sup>19</sup> Em relação à categoria Elemento composto, o autor não apresenta dados para atestar que essa categoria esteja na posição mais baixa da hierarquia, conforme ele propõe. Por termos dúvidas sobre qual seria exatamente um representante dessa categoria, não a testamos.

Em (42), vemos que não é possível que *inglês* seja concebido como um modificador com significado de origem da escrita ou do andar. Nesse caso como em outros anteriores, tanto a versão sem *-mente* quanto a versão com *-mente* são agramaticais. Ainda, o advérbio não existe nesse caso em específico. Por consequência, a projeção OrigemP/Nacionalidade também não existe como modificadora no sintagma verbal.

Finalmente, a categoria hierarquicamente mais baixa abordada nesta seção é Material. Os adjetivos das sentenças a seguir ilustram essa subclasse.

(45) Meu cachorro cagou mole na cozinha.<sup>20</sup>

(46) Minha gata cagou duro.<sup>21</sup>

Realizando o teste de inserção do sufixo *-mente* nessas sentenças, também obtemos formas agramaticais (*\*Meu cachorro cagou molemente na cozinha/ \*Minha gata cagou duramente*). Embora um advérbio como *duramente* exista, ele apresenta a leitura de ação ríspida, não de consistência dura. Esse é mais um dos exemplos, então, de um advérbio que seria classificado na classe de Comentário Subjetivo.

De modo geral, os adjetivos examinados nessa seção têm uma característica diferente dos examinados na seção 3.1 (adjetivos altos na hierarquia). Aqueles que são licenciados como modificadores não necessariamente são modificadores do evento, embora estejam dentro do sintagma verbal. É o caso das classes Umidade, Formato, Cor e Material. Os adjetivos de Comentário Subjetivo da seção 3.1 (categoria mais alta da hierarquia), apresentados nas sentenças em (27), denotam, necessariamente, o modo ou a forma como o evento acontece: *comportar-se de forma digna, trabalhar de modo fiel*. Já as classes Umidade, Formato, Cor e Material, discutidas ao longo desta seção, contemplam adjetivos que não são semanticamente apropriados para a descrição de

---

<sup>20</sup> <https://twitter.com/flwrana/status/1786090031481815488?s=48&t=ZSBL3-T1WVPhd1gl5EhvBQ>, último acesso: 10/05/24.

<sup>21</sup> <https://twitter.com/manguxxx/status/1394122051338780675?s=48&t=ZSBL3-T1WVPhd1gl5EhvBQ>, último acesso: 10/05/24.



eventos. Perceba que, em *O João me beijou molhado*, em (33), *molhado* não é o evento em si, assim como em (40), *caguei verde* não significa que o evento seja colorido. Eventos não possuem cores. Isso significa que, para essas classes, Umidade, Formato, Cor e Material, apontamos uma modificação que, embora dentro do sintagma verbal, modifica uma de suas características internas (isto é, não modificam o evento, mas algo menor que o evento), e por isso as sentenças são agramaticais quando os adjetivos recebem o acréscimo do sufixo *-mente*.

Na análise desse tipo específico de modificação, cujo alcance do modificador não recai sobre o evento, há diferentes propostas na literatura (cf. Lobato 2008, Leung 2007, Levinson 2010), que não serão amplamente discutidas aqui, já que fogem ao escopo do trabalho, que é de mapear as posições para os adjetivos no sintagma verbal. Nesses trabalhos, são levantadas hipóteses de modificação de algo que não está disponível ao final da derivação sintática. Para Lobato (2008), há modificação pelo adjetivo de uma informação constante da estrutura léxico-conceitual do verbo. Para Leung (2007), há a modificação de objeto cognato (OC) implícito do verbo. Para Levinson (2010), há modificação da raiz acategorial, antes que ela se transforme em verbo.

Leung (2007), inspirada em uma análise que é desenvolvida em Lobato (2008), propõe a modificação de um OC implícito em uma sentença como *Ela falou alto*, em que o adjetivo *alto* modificaria o objeto implícito *uma fala* (a fala é alta). Por sua vez, essa mesma sentença também pode ser analisada, conforme discutido em Lobato (2008), como um caso de modificação da constante *voz*, que seria uma informação conceitual do verbo *falar* (a voz é alta). Já o trabalho de Levinson (2010), a partir da investigação de dados do inglês, apresenta uma proposta de modificação da raiz do verbo. Para a autora, adjetivos como *alto* em *Ela empilhou os livros alto*, exemplo em (31b), modificam uma entidade que surge a partir da ocorrência do evento, *a pilha*. Um exemplo como (31b), particularmente, demonstra que esse tipo de modificação pode ocorrer na presença de um objeto e não cabe, portanto, a hipótese de que esses adjetivos modificam um objeto

implícito. Outros exemplos como *ela cantou o samba alto*, *ela leu o poema alto* mostram o mesmo.

Para Levinson (2010), os chamados *verbos de criação*, como em (31b) e (45) e (46), são formados a partir de raízes que denotam a criação de uma entidade/ indivíduo à medida que o evento acontece, e esse é o alvo da modificação adjetival. Portanto, Levinson explica essa modificação adjetival como uma modificação de raiz, antes que essas raízes tenham se tornado verbos. Todas essas propostas, ainda que com algumas divergências e limitações, buscam explicação para dados como os que apresentamos nesta seção, nos quais o adjetivo é constituinte do sintagma verbal, mas não realiza uma modificação sobre o evento denotado pelo verbo.

Nossa contribuição para essa discussão é mostrar que há respaldo sintático para a ideia de que esses adjetivos modificam raízes acategoriais, antes da formação do verbo. São adjetivos baixos que, como vimos, não podem ser semanticamente relacionados ao evento e não permitem a anexação de *-mente*. O exemplo em (31b), examinado na seção anterior, é um dos exemplos constantemente encontrados para tratar do fenômeno, juntamente com *cantar alto*, *falar alto*, etc. Nesta seção, por meio da hierarquia de Scott, mostramos como outros adjetivos, quando dentro do sintagma verbal, podem ser acomodados à mesma análise de Levinson, já que expressam raízes de criação.

#### 4. Discussão

Neste texto, investigamos a plausibilidade de uma proposta de hierarquia dos adjetivos no sintagma nominal, proposta por Scott (2002), para o sintagma verbal. Tal exploração se justifica para averiguar se a hierarquia depende da categoria lexical a qual o adjetivo se concatena.

Além disso, por meio da hierarquia, podemos explorar algumas propriedades dos adjetivos quando fazem parte das projeções estendidas do sintagma verbal, nomeadamente, se há uma posição a partir da qual *-mente* é licenciado e se a posição dos adjetivos na estrutura diz algo sobre suas propriedades de modificação.

A discussão do texto mostrou que, de uma forma geral, há alguma plausibilidade em assumir que essa hierarquia é geral para os adjetivos, independentemente da categoria a que eles se integrem.

De modo amplo, adjetivos mais concretos estão mais baixos tanto na hierarquia e adjetivos mais abstratos são mais altos hierarquicamente, tanto quando esses adjetivos estão em projeções estendidas de verbos e nomes. De uma forma específica, há um desencontro entre as projeções, como pudemos ver nas seções 3.2 e 3.3. Nem todas as projeções presentes como extensão dos nomes estão presentes para os verbos e vice-versa. Além disso, há indicações de que elas podem estar em posições diferentes: por exemplo, a pretensa projeção de adjetivo TempoP é bem mais alta em verbos do que nomes. E interessante, algumas das projeções mais baixas, como *umidade*, *formato*, *cor e material*, estão presentes nos dois domínios, mas não necessariamente têm distribuição paralela. Essas projeções efetivamente modificam os nomes, mas não modificam os verbos, como vimos na seção 3.3, embora interajam com elementos do sintagma verbal.

O quadro abaixo sumariza a comparação dos adjetivos quando projeção estendida dos nomes e quando projeção estendida dos verbos, além de também trazer informações sobre a posição de anexação de *-mente*:

<b>Categorias propostas por Scott (2002)</b>	<b>Modificação no VP</b>	<b>Aceitabilidade do sufixo <i>-mente</i></b>
Comentário subjetivo	+	+
Evidência	+	+
Tamanho	-	-
Comprimento	+	-
Altura	+	-
Velocidade	+	+

Profundidade	-	-
Largura	-	-
Peso	-	-
Temperatura	-	-
Umidade	+	-
Idade/ tempo	-	-
Formato	+	-
Cor	+	-
Nacionalidade/ origem	-	-
Material	+	-
Elemento composto	-	-

**Quadro 1:** resumo das categorias de Scott (2002) e sua relação com o VP e o sufixo *-mente*

Em relação à anexação de *-mente*, a hierarquia de Scott consegue mapear satisfatoriamente a possibilidade de anexação desse sufixo. A aplicação da hierarquia mostra que as posições mais altas de Comentário Subjetivo e Evidência são as que requerem *-mente*. A projeção de Velocidade pode opcionalmente aparecer com *-mente*. Como ela não segue imediatamente Comentário Subjetivo e Evidência, de novo temos a questão: essa posição como projeção estendida do nome está na mesma posição como projeção estendida do verbo? Aparentemente não, como os exemplos em (48) e (49) podem mostrar, em que *curto* está mais baixo na hierarquia do que *rápido*, dada a ordem deles em uma sentença neutra, sem focalização de um dos modificadores.

(48) Ela cortou o tecido curto rápido.

(49) \*Ela cortou o tecido rápido curto.

De acordo com a hierarquia de Scott (2002), a ordem seria Comprimento > Altura > Velocidade >, em que comprimento está acima de Velocidade.

Em suma, o exercício feito neste artigo mostra que hierarquias tão detalhadas como a de Scott (2002) podem não necessariamente estar no caminho certo, porque os detalhes de uma projeção estendida nominal podem não ser os mesmos de uma verbal. Além disso, o nível de detalhe da proposta já foi colocado em xeque por outras propostas (cf. Deschamps, 2023 para o PB; Laenzlinger, 2005; Svenonius, 2008).

Tanto Laenzlinger (2005) quanto Svenonius (2008) assumem que a hierarquia pode ser mais simples. Basicamente, de formas diferentes, os autores assumem que algumas posições na hierarquia agrupam mais de um adjetivo. Laenzlinger (2005), por exemplo, assume a seguinte configuração, em que uma posição orientada para o falante pode abrigar tanto adjetivos evidenciais quanto comentários subjetivos.

(50) [quantif Ordinal > Cardinal] >[orientação ao falante Comentário Subjetivo > Evidencial] >[propriedade física escalar Tamanho > Comprimento > Altura > Velocidade > Profundidade > Largura] >[medida Peso > Temperatura > Umidade > Idade] <sup>22</sup>

Baseando-nos na hierarquia em (50), podemos considerar que tanto os nomes quanto os verbos possuem a mesma hierarquia, já que, como vimos nos testes da seção 3, embora não haja as mesmas posições nas projeções estendidas de nomes e verbos, os verbos possuem posições em cada uma das subseções postuladas por Laenzlinger (2005) (orientação ao falante, propriedade física escalar e medida).

Svenonius (2008), por sua vez, apresenta uma proposta ainda mais enxuta, em que os adjetivos podem nascer em posições já bem-motivadas no sintagma nominal, como a posição sortP, que estaria ligada à posição de individuação nos sintagmas nominais. Para

---

<sup>22</sup> No original: [quantif Ordinal > Cardinal] >[speak-orient Subject Comment > Evidential] >[scalar phys. prop. Size > Length > Height > Speed > Depth > Width] >[measure Weight > Temperature > Wetness > Age] >

Svenonious, o que motiva uma proposta como essa é a de que não há plausibilidade cognitiva para tantas posições como as definidas por Scott (2002).

Assim, se quisermos assumir que a ordem dos adjetivos faz parte da GU, como Scott sugere, temos, de alguma forma, que reduzir as posições com base em posições que têm reflexo gramatical dentro do DP, como quer Svenonious (2008), ou agrupá-las, como quer Laenzlinger (2005). Ao testar empiricamente as posições em outro domínio, mostramos que, de fato, elas não se mantêm, embora haja uma manutenção da macroestrutura tanto para o domínio dos nomes quanto para o domínio dos verbos (adjetivos mais concretos mais pertos da categoria lexical e adjetivos mais abstratos mais longe deles). No entanto, há tantas diferenças no meio da hierarquia, que fica claro que, se essa ordenação é da GU, é implausível que haja todas essas posições hierarquicamente estruturadas independentemente da categoria. O teste com adjetivos no VP deixa isso bem claro.

## 5. Conclusão

Este trabalho visou contribuir para o debate da caracterização dos adjetivos, por meio da aparente modificação de adjetivos no sintagma verbal. Apontamos que a transposição da hierarquia de Scott (2002) do sintagma nominal para o verbal possui tanto vantagens quanto limitações. Por um lado, foi possível verificar que, de fato, certas categorias, como Comentário Subjetivo, Evidência, Comprimento, Altura, Velocidade, Umidade, Formato, Cor e Material, também são licenciadas dentro do VP. Por outro lado, houve casos em que certas categorias se limitaram ao NP, como verificado em Tamanho, Profundidade, Largura, para citar alguns. A partir disso, foi possível verificar que dentre as 16 categorias adjetivais apresentadas pelo autor, apenas 9 se estendem de modo equivalente para o VP. Portanto, podemos afirmar que certas posições sintáticas da hierarquia discutida não podem ser transpostas de um nível para o outro, limitando-se, assim, ao sintagma nominal.

Além disso, este artigo também se direcionou ao comportamento do sufixo *-mente* diante do domínio verbal. Com relação a isso, a hierarquia mapeou satisfatoriamente a distribuição do sufixo. Verificou-se que categorias mais altas, com caráter subjetivo, aceitam o sufixo, enquanto as mais baixas, que apontam para propriedades físicas, o recusam. Nesse contexto, foi visto que, por mais que sejam licenciadas no VP, algumas categorias não se juntam ao sufixo *-mente*, como Comprimento, Altura e Profundidade atestam. Isto é, por mais que possam ser empregados também no VP, esses elementos não ocorrem com o sufixo em questão. Dessa maneira, foi possível verificar que esse elemento se junta, preferencialmente, a adjetivos que estejam em uma posição hierarquicamente superior na hierarquia. Embora não haja uma transposição exata da hierarquia do sintagma nominal para o sintagma verbal, o exercício analítico feito aqui mostrou que a proposta de Scott é um bom guia para mapear a distribuição de adjetivos no sintagma verbal. As lacunas que a proposta deixa levam a questões interessantes em uma perspectiva cartográfica, por exemplo: a) categorias lexicais diferentes vão ter projeções estendidas diferentes?; b) propostas como as de Laenzlinger, 2005; Svenonius, 2008 dariam conta da distribuição de adjetivos no sintagma verbal do português brasileiro e da distribuição de *-mente*? Deixamos essas questões para trabalhos futuros.

Em suma, este trabalho contribuiu para uma caracterização sintática da ocorrência do sufixo *-mente* dentro do VP, da distribuição de adjetivos e com uma pequena discussão sobre a plausibilidade de hierarquias tão detalhadas para o adjetivo quando ele modifica categorias diferentes.

### **Referências Bibliográficas**

BAKER, Mark. *Lexical Categories: Verbs, Nouns and Adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 8ed. São Paulo: Ática, 2007 [1987].

BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva do português falado. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. vol. II: níveis de análise linguística. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. In: CINQUE, Guglielmo et al. *Paths Towards Universal Grammar*. Washington (D.C.): Georgetown University Press, 1994.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael. (org.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001.

DESCHAMPS, Thaís. *Adjetivos na interface: relação entre hierarquia, interpretação e ordem de adjetivos atributivos*. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2023.

FOLTRAN, Maria José. Distribuição dos advérbios predicativos e adjetivos quando usados como predicados adjuntos. *Revista Letras*, maio/agosto, n. 72, 2007.

FOLTRAN, Maria José. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. *Revista Letras*, mai/ago, n. 81, 2010.

FOLTRAN, Maria José ; CONTO, Luana ; DESCHAMPS, Thaís. Adjetivos: Classificações e Problemas de Pesquisa. In: QUADROS GOMES, Ana; TESCARI NETO, Aquiles. (Org.). *A Interface Sintaxe-Semântica: Adjetivos e Advérbios numa Perspectiva Formal*. 1 ed, Campinas: Pontes Editores, 2020.

HETZRON, Robert. On the relative order of adjectives. In H. Sells (Ed.), *Language Universals*, p. 165–184. Tübingen: Narr, 1978.

LAENZLINGER, Christopher. French adjective ordering: Perspectives on DP-internal movement types. *Lingua*, v. 115, n. 5, 2005.

LEUNG, Renata. *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-31102007-142212.



LEVINSON, Lisa. *The Roots of Verbs*. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Linguística, Universidade de Nova Iorque, Nova Iorque, 2007. 185 p.

LEVINSON, Lisa. Arguments for pseudo-resultative predicates. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 28, n. 1, 2010.

LEVINSON, Lisa. The ontology of roots and verbs. In: ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit; SCHÄFER, Florian. (Eds.), *The Syntax of Roots and the Roots of Syntax*. Oxford: Oxford University Press. 2014.

LOBATO, Lúcia. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Claudia. (Org.) *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

QUEMING, Tan. *Advérbios em -mente no Português Europeu*. 2010. Dissertação (Mestrado na Área da Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

RODRIGUES, Bianca Agrelli. *Advérbios em -mente no português brasileiro: uma análise baseada na Morfologia Distribuída*. Dissertação (Mestrado na Área de Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2024.

SCOTT, John-Gary. Stacked Adjectival Modification and the Structure of Nominal Phrases. In: CINQUE, Guillermo. *Functional Structure in DP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*, Volume 1. Nova York: Oxford University Press, 2002.

SPROAT, Richard; SHIH, Chilin. Prenominal adjectival ordering in English and Mandarin. In *Proceedings of NELS 18*, vol. 2, James Blevins and Juli Carter (eds.), 465–489. Amherst, MA: GLSA, 1988.

SVENONIUS, Peter. The position of adjectives and other phrasal modifiers in the decomposition of DP.. In L. McNally and C. Kennedy (eds.) *Adjectives and Adverbs. Syntax, Semantics, and Discourse*. 16-42, 2008.

VALOIS, Daniel. *The Internal Syntax of DP*. 1991. Tese (Doutorado em Filosofia da Linguagem) - Departamento de Linguística, Universidade da Califórnia, Los Angeles, 1991.